

## Testemunho sobre o Prof. José Moreira de Araújo

Filipe Duarte Santos

Tenho excelentes recordações do Prof. Araújo com início no princípio da década de 1960. Influenciou muito a minha carreira científica, logo a seguir à Licenciatura em Ciências Geofísicas, que obtive na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa nos finais de 1963. Recordo-me que nesse ano decidi ir ao Departamento de Física da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto falar com ele e saber se seria possível ir aí aprender um pouco mais de física moderna e especialmente de física nuclear. Fui recebido pelo diretor do Departamento, o Prof. Carlos de Azevedo Coutinho Braga, a quem expus a minha pretensão e depois me encaminhou até ao Prof. Araújo, cuja fama de físico nuclear era muito conhecida. Foi uma conversa interessante e motivadora. Desde essa data estabelecemos uma relação que se tornou de grande amizade. O meu problema nessa altura era que, na FCUL, se ensinava praticamente nada sobre mecânica quântica e o Prof. Araújo, quando fui para a FCUP em janeiro de 1964, pôs-me a mim e a dois outros bolseiros, João Bessa Sousa e José Manuel Machado da Silva a ler o *Quantum Mechanics* do Leonard. I. Schiff. Ficámos amigos e recordo com grande saudade os bons tempos que passei no Porto. Que bela cidade de gente trabalhadora!

O Prof. Araújo estava sempre disponível para as nossas perguntas e respondia com grande clareza e facilidade. Nesse mesmo ano de 1964 apresentámos os três uma comunicação oral ao XXVII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências em Bilbao intitulada “Sobre um problema unidimensional da equação de Shrodinger”, que constituiu o meu primeiro trabalho científico. Demonstrava-se como se

formam as “bandas” de energia num sólido a partir dos estados de energia discretos num átomo. Algo que, hoje em dia, com a ajuda de um computador, se simula visualmente num dia mas que apenas com meios matemáticos analíticos requer trabalho durante muito mais tempo.

Em novembro de 1964, por meio dos contactos estabelecidos pelo Prof. Araújo, segui para a Universidade de Londres para me doutorar em física nuclear teórica. Apesar do seu doutoramento e publicações científicas se situarem nessa área, o Prof. Araújo teve a clarividência de desenvolver um grupo experimental em física do estado sólido no Departamento de Física da FCUP, dado ser muito mais adequado em termos de financiamento e promissor em termos de formação e impacto científico e tecnológico, do que um grupo de investigação em física nuclear, num país com conhecidas limitações quando comparado com os do centro e norte da Europa. Foi uma escolha certa e o Porto tornou-se um dos primeiros grandes centros de investigação em física do estado sólido do país graças à excelência dos trabalhos desenvolvidos inicialmente por João Bessa Sousa, José Manuel Machado da Silva e depois por muitos outros.

Ao longo dos anos encontrei-me e correspondi-me com alguma frequência com o Prof. Araújo e beneficiei sempre muito as suas opiniões e recomendações sensatas, fruto de grande experiência, e de ter sido sempre um defensor intransigente da qualidade do ensino e da investigação. Em janeiro de 1980 integrei a delegação Portuguesa ao VI Simpósio de Física Teórica no Rio de Janeiro juntamente com o Prof. Araújo e Rui Vilela Mendes. Foi uma viagem inesquecível que tive o privilégio de partilhar com esses dois queridos amigos. Um ano após a escritura de constituição da SPF, realizada em 19 de abril de 1974 pela sua comissão instaladora (Augusto Barroso, João Maia Quininha, Filipe Duarte

Santos, Eduardo Martinho e Jaime Oliveira) teve lugar a primeira Assembleia Geral da SPF presidida pelo Prof. Araújo. A partir dessa época o Prof. Araújo teve uma enorme dedicação à SPF e desenvolveu iniciativas que a conduziram a ser uma das grandes Sociedades Científicas de Portugal.

No período de 1984-1986 voltei a trabalhar diretamente com ele, agora Presidente da Sociedade Portuguesa de Física (SPF), enquanto eu exercia o meu primeiro mandato de Secretário-Geral da SPF. Foi nessa época que o Prof. Araújo iniciou as negociações para que a *Portugaliae Physica*, a revista científica de física Portuguesa criada em 1943, integrada em 1979 na SPF e que ele dirigiu com grande dedicação e sucesso, fosse reintegrada no *European Physical Journal*, tal como aconteceu com *Il Nuovo Cimento*, *Journal de Physique*, *Zeitschrift für Physik* entre outras. Para que a SPF concluísse o processo de integração foram necessárias verbas significativas, que o Prof. Araújo conseguiu obter através de um apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

O Prof. Araújo foi um grande professor universitário com notáveis qualidades pedagógicas que escolheu ajudar a formar físicos, cientistas, engenheiros e investigadores, a construir instituições de investigação e desenvolvimento e de um modo mais geral a criar condições para o florescimento da atividade científica em Portugal a partir dos anos de 1960 na área da física e ciências afins, em lugar de se dedicar principalmente a uma carreira de investigação, na qual teria tido certamente um grande sucesso. Creio que todos nós que beneficiámos dessa generosidade devemos estar agradecidos.

A partir de 1998 passei a dedicar-me quase exclusivamente às áreas das ciências do ambiente e das alterações globais, em particular às alterações climáticas, que não coincidem precisamente com a física, por razões fundamentadas numa avaliação ética da situação contemporânea. Cada vez respeito mais as ciências físicas, a sua disciplina, a sua honestidade original como dizia Nietzsche (So, long live physics! And even more, long live what compels us to it – our honesty!” (Nietzsche, 1882)), e a sua importância essencial para compreender e tentar resolver as problemáticas que enfrentamos atualmente no mundo. Pessoalmente estou também grato ao Prof. Araújo por ter compreendido e aceite esta minha opção.

Lisboa, 2 setembro de 2020